

GINÁSIO LAGUNENSE: LAICIDADE E CO-EDUCAÇÃO (1932-1945)¹

Norberto Dallabrida²

Fernando Leocino da Silva³

Letícia Cortellazzi Garcia⁴

Na década de 1930 houve expansão significativa do ensino secundário em Santa Catarina, quando foram criados e equiparados sete novos cursos nesse nível de escolarização. Nos primeiros decênios do século XX, havia somente o Ginásio Catarinense, localizado na capital catarinense, dirigidos pelos padres jesuítas, de caráter privado e oficializado de acordo com a legislação vigente e o padrão nacional do Colégio Pedro II. Devido ao seu caráter privado e à sua seletividade, tratava-se de uma instituição formal das elites. O monopólio jesuítico do ensino secundário no território catarinense foi quebrado com a criação de novos colégios, localizados nas principais cidades do interior do Estado de Santa Catarina. Houve crescimento expressivo de estabelecimentos de ensino secundário, mas nenhum deles tinha caráter público estadual.

Além de ser criado e mantido parcialmente pela Prefeitura de Laguna, o que lhe dava um caráter semi-público municipal, o Ginásio Lagunense diferenciou-se dos outros colégios de ensino secundário em Santa Catarina, nas décadas de 30 e 40 do século XX, devido à laicidade de seu currículo e ao seu regime de co-educação. Nesse momento, a maioria dos ginásios no território catarinense eram dirigidos por congregações católicas como os jesuítas, os franciscanos, os Irmãos Maristas e as Irmãs da Divina Providência e, por isso, contemplavam a disciplina Ensino Religioso no seu currículo e colocavam em marcha no cotidiano escolar dispositivos disciplinares de corte cristão. Nesse momento histórico, o Ginásio Lagunense era também um dos três ginásios catarinenses que proporcionavam escolarização secundária para classes mistas.

O presente trabalho procura compreender esses dois aspectos da cultura escolar do Ginásio Lagunense, desde a sua fundação, realizada em 1932, até meados da década de 1940, quando, com a fundação do Ginásio Sagrado Coração de Jesus, em Tubarão, ele deixou de ser o único estabelecimento de ensino secundário no Sul de Santa Catarina. Para o entendimento da cultura escolar, são considerados os trabalhos que percebem o currículo escolar como um artefato cultural e histórico, inventado e reinventado ao longo da história, a partir de tensões e concessões provisórias entre proposições cognitivas entranhadas de relações de poder.⁵ Essa pesquisa baseia-se em fontes escritas, como documentos avulsos e os jornais “O Albor” e “Sul do Estado”, ambos de Laguna, bem como em entrevistas com alunos egressos do Ginásio Lagunense, lidas a partir de suas condições sociais de produção.

Cultura escolar laica

Em 29 de junho de 1935, o diretor do Ginásio Lagunense, major Manuel Grott, escreveu uma nota de esclarecimento no jornal “O Albor”, editado em Laguna, que inicia da seguinte forma: “O ‘Ginásio Lagunense’ é uma instituição leiga. Assim que, dentro de seu perímetro, nunca pregou nem pró nem contra qualquer credo religioso, respeitando, todavia, a crença, seja qual for, do seu corpo docente e discente”. A “explicação necessária” – como diz o título da nota – dada pelo diretor foi motivada por reclamações feitas por alguns pais de alunos que não professavam a religião católica e afirmaram que os ginásianos foram obrigados a participar da procissão de “Corpus Christi”. Ele garantiu que os estudantes do Ginásio Lagunense somente foram obrigados a participar da “formatura” determinada pela direção do ginásio, concluindo: “O ‘Ginásio Lagunense’ não impôs, não impõe, nem imporá culto religioso a quem quer que seja. Apenas ensina absoluto respeito à crença de outrem. [...] A tolerância e respeito são apanágio das consciências bem formadas e dos espíritos bem formados”.⁶

A laicidade do Ginásio Lagunense pode ser constatada em relação aos conteúdos culturais que ele selecionava e organizava para os seus alunos. No rol das “disciplinas-saber” do colégio, não constava Ensino Religioso, que efetivamente não era ministrado em nenhuma série do seu curso secundário. A disciplina Ensino Religioso havia sido reintroduzida no sistema escolar público em 1931 e foi mantida na Constituição de 1934. Em Santa Catarina, baseado na nova Carta Magna, o governador Nereu Ramos assinou o Decreto Nº 64, de 9 de agosto de 1935, que reintroduziu o Ensino Religioso, com frequência facultativa, no “horário escolar” das escolas de ensino primário, secundário, profissional e normal do território catarinense. O artigo 7º desse decreto afirma que “aos estabelecimentos de ensino particulares equiparados é facultado ministrar apenas a instrução religiosa consetânea com a sua orientação”, numa referência aos colégios de ensino secundário confessionais equiparados ao Colégio Pedro II do Rio de Janeiro.⁷

Apesar de a maioria dos estabelecimentos de ensino secundário catarinenses serem confessionais e contemplar saberes cristãos nos seus currículos, o Ginásio Lagunense não implantou a disciplina Ensino Religioso, mantendo a sua tradição laica. Esse aspecto da cultura escolar do Ginásio Lagunense deveu-se ao fato de boa parte de seu corpo diretivo e docente ser formado por profissionais liberais e/ou sem vinculação religiosa. O primeiro diretor do colégio, major Manuel Grott, era militar reformado e defendia a laicidade do ensino ginasial – como foi assinalado acima. O professor Germano Donner, que dirigiu o Ginásio Lagunense entre 1939 e meados da década de 1950 e marcou época, tinha pertencido ao Exército Brasileiro, envolveu-se na Revolta do Forte de Copacabana de 1922 e na Revolução de 30, pertenceu à Comissão Executiva da Aliança Nacional Libertadora de Florianópolis e, posteriormente, ingressou no Partido Comunista Brasileiro.⁸

Por outro lado, os atos religiosos, especialmente aqueles promovidos pela Igreja Católica, que predominavam na sociedade brasileira e em Laguna, não foram apropriados pelo corpo dirigente e docente do Ginásio Lagunense como mecanismos de disciplinamento escolar.

Assim, congregações marianas, devoções, missas, confissões, festas de santos, procissões, entre outras, comuns nos colégios católicos, não tiveram espaço no colégio de Laguna. Nos depoimentos de ex-alunos do Ginásio Lagunense, todos são unânimes em torno da ausência de traços religiosos, especialmente católicos, no currículo desse educandário. Eles relatam que não tem nenhuma lembrança de que festas religiosas tivessem sido realizadas na sua época de ginásio, com exceção da missa de formatura, uma concessão num momento ímpar de conagraçamento, que envolvia familiares e amigos dos bacharelados. Os feriados católicos somente eram observados quando oficializados pelos poderes públicos e comunicados devidamente aos pais dos alunos, como se pode verificar na seguinte nota publicada no jornal “O Albor”: “Segundo determinações do Departamento de Ensino, os últimos dias da Semana Santa foram declarados feriado tendo-se fechado, portanto, os estabelecimentos equiparados por cumprirem essa deliberação superior”.⁹

As festas escolares também não contemplavam os credos religiosos, mas davam visibilidade ao patriotismo e ao republicanismo. A data da emancipação política do Brasil – o 7 de setembro – era espetacularizada com a marcha pelas ruas da cidade e parada de corte militar na praça da bandeira pelos estudantes do Ginásio Lagunense, bem como por alunos dos grupos escolares e de outras escolas de Laguna. Durante o Estado Novo, as chamadas festas cívicas ganharam ainda mais relevo no Ginásio Lagunense. No entanto, nesse período, o destaque foram as comemorações do centenário da República Juliana, que se realizaram em Laguna no ano de 1939. Em 21 de julho desse ano, uma sessão especial no Ginásio Lagunense deu início às comemorações da instalação da República Juliana – realizada em Laguna, pelos revolucionários farroupilhas –, que se desdobraram nos dias seguintes na cidade de Anita Garibaldi.

Regime de co-educação

Para compreender a prática de co-educação no Ginásio Lagunense nas décadas de 30 e 40 do século XX, os estudos de gênero são de grande valia, pelo fato de mostrarem a construção histórica da exclusão social das mulheres, que contou com a atuação efetiva de escolas e, particularmente, de colégios de ensino secundário. Entende-se que as instituições escolares contribuem para a construção da desigualdade de gênero por meio de diversificados dispositivos curriculares. Os processos de escolarização moderna no Ocidente, inicialmente promovidos pela igrejas cristãs em concorrência e depois apropriados e implementados pelo Estado, foram transversalizados pelo viés de gênero e contribuíram, até bem pouco tempo, para dividir meninos e meninas.¹⁰ Grosso modo, até a década de 1960, boa parte dos colégios de ensino secundário eram divididos pelo critério de gênero, sendo a maioria destinada aos adolescentes homens, com o intuito de prepará-los para ingressar nas instituições de ensino superior e atuar na vida pública.

A partir da década de 1930, a rede de colégios católicos intensificou a escolarização em nível secundário exclusiva para cada gênero, seguindo as orientações da Encíclica “Divini Illius Magistri” – publicada por Pio XI em 31 de dezembro de 1929 –, que condenava a co-educação. A maioria dos ginásios católicos era dirigida por religiosos do sexo masculino, sendo freqüentados somente por filhos homens das classes abastadas. A partir de 1935, o Colégio Coração de Jesus, dirigido pelas Irmãs da Divina Providência e localizado na capital catarinense, passou a oferecer um curso ginásial exclusivo para moças e, posteriormente, essa congregação católica estabeleceu outros colégios congêneres em várias cidades do Estado de Santa Catarina.¹¹ Desta forma, somente o Instituto Bom Jesus e os ginásios Lagunense e Barão de Antonina praticavam a educação mista, incluindo as adolescentes no ensino secundário.

O painel esculpido em madeira da primeira turma de bacharéis do Ginásio Lagunense, afixado na atual Escola de Ensino Médio Almirante Lamego, em Laguna, relaciona apenas uma aluna, Elza Cabral Pinho. Ela não participou da sessão de formatura, realizada em 27 de

novembro de 1937, porque “ficou de segunda época” por um décimo em uma disciplina que atualmente lhe escapa da memória. No início do ano seguinte, ela realizou o exame de recuperação e foi aprovada, passando a ter a condição de bacharel.¹² A segunda turma de formandos do Ginásio Lagunense também teve somente uma aluna, mas nas turmas posteriores de concluintes, o número de bacharéis-ginasianas cresceu de forma significativa. Nas turmas de formandos entre os anos de 1937 e 1945 os alunos totalizam 128, enquanto as alunas somavam 48, de forma que as mulheres representaram mais de um terço entre os formados do Ginásio Lagunense, o que indica expressiva inserção do gênero feminino.¹³ A inclusão de adolescentes mulheres no Ginásio Lagunense deve-se ao fato de boa parte de seu corpo diretivo e docente ser formado por profissionais liberais e/ou laicos.

No entanto, a co-educação no Ginásio Lagunense apresentava limites nas práticas educativas cotidianas. Em primeiro lugar, constata-se que os espaços escolares eram “generificados”: nas salas de aula as alunas sentavam de um lado e os alunos de outro e no pátio também havia locais específicos para os dois gêneros. Nazle Paulo Corrêa integrou a turma de formandos de 1942 e afirma que quando estudou no Ginásio Lagunense os alunos ficavam do lado direito e as alunas sentavam no lado esquerdo, de forma que “as meninas sentavam com as meninas e os meninos com dos meninos”.¹⁴ As carteiras ainda não eram individuais e cada uma comportava dois/duas alunos/as, que deveriam ser necessariamente do mesmo sexo. A ex-aluna Ana Maria Pimentel Carioni recorda que “na hora do recreio, os rapazes tinham uma brincadeira mais estúpida ... futebol, essa coisa toda. Então era separado [...] aquilo já estava implícito, que aquele lado, aquela parte lá era dos rapazes e de cá era das meninas”.¹⁵

O uniforme escolar existiu desde a fundação do Ginásio Lagunense, sendo bem diferenciado para meninos/moços e meninas/moças. No início de 1940, o diretor Germano Donner definiu um “novo plano de uniformes”, que compreendia uniforme de passeio, de uso diário e para Educação Física, segundo a padronização do Ministério da Educação e Saúde. O

fardamento do uniforme de uso diário tinha constituição diferenciada para os alunos do sexo feminino e masculino: para os ginasianos prescrevia-se calça de brim cáqui, túnica de brim cáqui, camisa branca com colarinho, gravata preta e “sweater” de lã; e para as ginasianas a indumentária previa saia de merinò de algodão azul marinho, blusa de tricoline de algodão branca e “pull-over” de lã. O uniforme para as aulas de Educação Física também era bem diferenciado: os alunos deveriam usar calção preto com cinto, camiseta de malha de algodão branca e calçado; as alunas deveriam apresentar-se de calção de merinò preto, blusa de tricoline branca e calçado.¹⁶

As aulas de Educação Física eram separadas, tendo espaços específicos e exercícios exclusivos para cada gênero. Os depoimentos dos egressos do Ginásio Lagunense sublinham a separação dos alunos e das alunas nas aulas de Educação, sendo ministradas por um sargento do Exército, que também atuava no Tiro de Guerra de Laguna.¹⁷ Solange Donner Pirajá Martins, que se formou no curso ginasial em 1946, recorda que as aulas de Educação Física eram separadas e realizadas fora do terreno do Ginásio Lagunense, pelo fato de o pátio do mesmo ser pequeno e não ter espaço adequado para os exercícios físicos. Na sua época, as alunas tinham aulas de Educação Física no pátio do Grupo Escolar Jerônimo Coelho, que se localizava no centro de Laguna.¹⁸ Nazle Paulo Corrêa relata que nas aulas de Educação Física das meninas não se praticavam jogos como nos dias de hoje, mas restringia-se a “exercícios básicos”, correr, pular corda.¹⁹ Ademais, alguns esportes coletivos como futebol e basquetebol eram praticados somente pelos adolescentes homens.

Em relação ao corpo dirigente e docente, pode-se perceber o predomínio de homens e a presença minoritária e intermitente de mulheres. Nas duas primeiras décadas de funcionamento, o Ginásio Lagunense foi dirigido por quatro diretores e os dois que ficaram a maior parte do tempo eram ex-militares. Trata-se do Major Manuel Grott, que instituiu o Ginásio Lagunense e dirigiu-o até 1938, e o capitão Germano Donner, que assumiu a direção no ano seguinte. No tocante à questão do desequilíbrio de gênero, pode-se apontar o número reduzido

de alunas nas turmas de formandos do Ginásio Lagunense. Nas salas de aula as mulheres formavam geralmente um número pequeno e os homens sempre eram maioria, que, somados aos professores, imprimiam uma ordem masculinista ao colégio.

Enfim, nas décadas de 30 e 40 do século XX, quando predominavam no Brasil e, particularmente, em Santa Catarina os colégios católicos, que ofereciam escolarização média exclusiva para cada gênero, o Ginásio Lagunense sustentou a laicidade no seu currículo escolar e contemplou a prática da educação mista, proporcionando o curso fundamental do ensino secundário a um grupo significativo de adolescentes mulheres. A leitura histórica dessa experiência escolar é relevante para as discussões contemporâneas sobre a educação, na medida em que pode contribuir para a construção de práticas escolares mais democráticas, que procurem tonificar o regime republicano, excluir a desigualdade e respeitar diferenças.

¹ Este texto é resultado parcial da pesquisa “O Ginásio Lagunense e a produção de sujeitos letrados e laicos – 1932-1942”, coordenada por Norberto Dallabrida e executada com recursos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

² Doutor em História Social pela USP e professor do Departamento de História da UDESC.

³ Aluno do Curso de História da UDESC e bolsista PIBIC/CNPq.

⁴ Aluna do Curso de História da UDESC e bolsista PIBIC/CNPq.

⁵ Sobre cultura escolar, ver JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, nº 1, p.9-43, 2001. GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Ciências Sociais da Educação).

⁶ GROTT, Manoel. Ginásio Lagunense, uma explicação necessária. **O Albor**-Órgão dos interesses do sul do Estado, nº 1606, 29.jun.1935, p.3.

⁷ RAMOS, Nereu. Decreto Nº 64, de 9 de agosto de 1935. In: SANTA CATARINA. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. **Educação Popular: movimento do ano letivo de 1935**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1935. p.46-53.

⁸ DONNER, Germano. **Biografia**. Laguna, 15.jun.1954. p.1-2. MARTINS, Celso. **Os Comunas: Álvaro Ventura e o PCB Catarinense**. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995. p.100-103.

⁹ AMOR ao Estudo. Apelo ao Ginásio. **O Albor**-Órgão dos interesses do sul do Estado. Laguna, nº 1596, 19.abr.1935. p.4.

¹⁰ Sobre a questão de gênero e educação, ver LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. VARELA, Julia. **Nacimiento de la mujer burguesa: el cambiante desequilibrio de poder entre los sexos**. Madrid: La Piqueta, 1997. (Genealogía del poder, 30)

¹¹ ENSINO Secundário. In: SANTA CATARINA. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. **Educação Popular: o movimento letivo de 1935**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1936. p.53.

¹² VARELA, Elza Pinho. Entrevista concedida a Norberto Dallabrida. Curitiba, 29.jul.2004. p.9-14.

¹³ TURMAS que terminaram o Ginásio Lagunense – 1937-1955. Laguna, s.d. Mimeografado

¹⁴ CORRÊA, Nazle Paulo. Entrevista concedida a Norberto Dallabrida. Florianópolis, 5.ago.2004. p.6-7.

¹⁵ CARIONI, Ana Maria Pimentel. Entrevista concedida a Norberto Dallabrida. Florianópolis, 12.mar.2004. p.8-9.

¹⁶ DONNER, Germano. Ginásio Lagunense. Plano de uniformes. **Sul do Estado**. Laguna, 23.fev.1940, p.2-3.

¹⁷ BESSA, José. Entrevista concedida a Norberto Dallabrida. Florianópolis, 09.mar.2004. p.6-7.

¹⁸ MARTINS, Solange Donner Pirajá. Entrevista concedida a Norberto Dallabrida. Florianópolis, 30.mar.2004. p.15

¹⁹ CORRÊA, Nazle Paulo. Entrevista concedida a Norberto Dallabrida. Florianópolis, 5.ago.2004. p.8.